

A garota da minha vida

*"Conto Especial
do livro Sunshine"*

M.S. FAYES



PERIGOSAS NACIONAIS

A GAROTA da minha Vida

*"Conto Especial
do livro Sunshine"*

M . S . FAYES

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2018 M. S. Fayes
Todos os direitos reservados.

Revisão: Marta Fagundes
Diagramação: Cristiane Saavedra
Capa: Dri K.K

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento por escrito da autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo n. 54, de 1995)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

DEDICATÓRIA

Para todas as pessoas que se aqueceram
com o calor irradiante do amor de Sunny e Mike.

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Ficha Catalográfica
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Nota da Autora
Thunder Storm
Prólogo
Capítulo 1
M. S. Fayes

CAPÍTULO

1

Mike



Droga. Eu não deveria estar nervoso. Deveria? Claro que não. Aquele era um jogo como outro qualquer. Eu e Thomas já havíamos substituído os titulares em alguns jogos, então não havia muita diferença do que já tínhamos feito antes. Salvo uma única exceção: era a primeira vez que eu e Sunny estaríamos juntos em campo. Eu, como jogador. Ela, como líder de torcida. E se isso já não fosse o bastante, eu ainda tinha que ouvir os comentários ridículos do restante dos caras.

— É sério. Eu faria de tudo para aquela morena me notar, mas aparentemente, ela tem namorado — Kalel, um dos caras da defesa disse, quase babando.

— Ela *tem* namorado. Não é aparentemente —

Thomas respondeu e olhou para mim, que continuava vestindo a meia compressora para proteger meu tornozelo.

— Ah, cara. Está de brincadeira? Por que as mais gostosas sempre já estão tomadas? Mas eu aposto que o namorado dela nem sequer chega aos meus pés — continuou.

Fechei os olhos e posso ter bufado como um touro da antiga fazenda da minha infância, mas levei um cutucão de Thomas, logo, voltei para a terra dos caras sãos e desisti da imagem mental que se formou na minha mente: enfiar a bola oval que estava encostada no canto, goela abaixo do idiota.

Bom, não que ele fosse um completo imbecil, mas estava falando da minha garota. E como eu sabia? Porque a maioria das garotas que formavam o grupo de *cheerleaders* era loira, havia duas ruivas e uma garota negra que todo mundo sabia ser casada. Logo, só sobrava a minha Sunny. A única morena apetecível por quem este babaca estava salivando.

— Eu vou chamá-la pra sair do mesmo jeito.

— Kalel, eu se fosse você, calava a boca, agora

— Spike disse do outro lado, recostado ao armário.

Normalmente, nós, os reservas, não tínhamos tanta liberdade com o time titular, mas o que nos diferenciava ali em Princeton era que formamos uma espécie de família. Logo, os caras nunca nos trataram de maneira diferente, independente de sermos reservas, assim que entramos como calouros tanto tempo atrás. Agora estávamos no mesmo patamar e jogávamos por um objetivo: levar nossa universidade para as finais.

— Cara, juro que já tentei, mas ela nem me deu bola. Não consegui marcar meu *score* com ela. Ou a Kendra, que é casada — Dylan acrescentou.

— Eu queria ver você dando em cima da Kendra e recebendo uma surra do Benjamin, Dylan — Stump disse e começou a rir.

Ben era o armador e principal jogador do time de basquete de Princeton. Não bastasse o cara ser o queridinho do segmento esportivo, ainda tinha quase dois metros de altura.

— Bom, ele pode ser alto, mas não é dois, né? — Dylan caçoou.

— Conseguiria lidar com ele e o time dele em

cima de você?

— Cara, eu sou da linha ofensiva ou o quê? Derrubaria aqueles maricas na hora! — continuou a zombaria.

— O importante é que eu morro de amores todas as vezes que tenho que entrar em campo e ver a garota ensolarada acenar os pompons — Kalel prosseguiu, interrompendo os devaneios de Dylan.

Porra. Deu. Agora havia atingido meu limite e já tinha extrapolado minha paciência. Levantei e senti Thomas agarrando a parte de baixo da minha jérsei. Naquela altura do campeonato, o número 77 da camisa devia estar completamente disforme. Eu ia partir a cara daquele idiota.

— Olha, eu não sei em que mundo você vive, na verdade, você e o Dylan, porque a garota da qual vocês estão falando tem namorado, todo mundo sabe disso há muito tempo, ela nunca deu trela pra ninguém e — Spike continuou o suspense —, o cara está na frente de vocês, querendo descer a porrada e vou pegar o balde de pipocas e meu Gatorade, porque vou achar o máximo.

Quando os dois imbecis ergueram a cabeça,

deram de cara comigo, provavelmente com o rosto vermelho, fumegando de ódio, talvez até mesmo uma visão do inferno. A tinta preta abaixo dos olhos devia estar completamente liquefeita ante o calor que eu podia sentir na minha face. Eu estava puto.

Thomas levantou e passou um braço pelo meu pescoço.

— Ei, mano, será que você poderia sossegar aí? — ele perguntou.

— Não. Uma briga antes do jogo vai ser ótimo pra colocar a adrenalina lá em cima — falei entre os dentes.

— Porra, cara! Sério? Você é o cara que pega aquela gostosa? — Kalel disse e aí foi o seu erro.

Ninguém desrespeitava minha Sunshine.

Eu não “pegava” minha garota. Eu idolatrava o chão que ela pisava. Eu pularia na frente de um touro enfurecido por ela, e, bem... hoje as referências estavam um pouco voltadas ao meu passado no Texas, não é?

Sunshine era a garota que mantinha meu mundo girando. Ela era o sol, pura e simplesmente, e eu

girava ao redor dela, buscando o calor que somente dela poderia emanar.

Eu a amava com toda a minha alma e meu coração. Nunca deixaria alguém banalizar o nosso relacionamento, enquadrando em algo tão vulgar quanto “um cara pegar uma garota”. E ela era minha.

— Você quer calar a sua boca agora ou quer que eu coloque seus dentes pra dentro? — falei com irritação.

Thomas estava tendo um pouco de dificuldade em me conter e Spike chegou ao meu redor.

Storm entrou no vestiário naquele instante.

— Uooooa... o que está pegando aqui, minha gente? — perguntou sem noção alguma de que os palhaços estavam cobiçando a gêmea dele.

— Mike ficou putinho porque estamos enaltecendo a beleza da sua irmã — Dylan disse e se afastou quando avancei mais alguns passos em sua direção. — Porra, Mike. Desculpa, aí, cara. Não sabia que você ficava tão puto por causa de uma garota.

— Ela não é qualquer garota, seu idiota! É minha

PERIGOSAS NACIONAIS

namorada. E já cansei de todas as vezes vocês ficarem tecendo comentários desrespeitosos não somente sobre ela, mas sobre as outras meninas também — rebati.

— Cara, as líderes de torcida também fazem uma caderneta para saber quais jogadores do time já pegaram, então estamos apenas no outro lado. Todos os caras fazem isso... é apenas um concurso pra saber quem vamos foder... — Kalel respondeu do outro lado.

— Vocês percebem que só estão piorando a situação? — Thomas argumentou, agora irritado.

— Espera... vocês usaram o santo nome da minha irmã gêmea e a palavra foder na mesma frase? — Storm perguntou.

Revirei os olhos. O pitbull enciumado havia acabado de acordar.

— Não foder, foder. Apenas falei que queria dar uns pegadas na garota.

— E isso não é a mesma coisa, seu burro? — Dylan riu.

— Bom, não posso negar que eu seria um cara feliz em colocar minhas mãos na Sun...

PERIGOSAS ACHERON

Antes que ele completasse a sentença, eu já tinha conseguido sair do agarre de Thomas e ouvi Storm gritar:

— Eu seguro e você esmurra, Mike!



— Okay, vou ignorar a briga no vestiário, porque acredito que o motivo tenha sido de força maior — o treinador disse com a cara séria.

Eu segurava um pacote de gelo sobre os nódulos da mão, enquanto Kalel mantinha um bloco inteiro sobre o olho. Storm estava ileso, mas mantinha um sorriso macabro nos lábios, prometendo algo mais se houvesse outro episódio como aquele. Dylan também levava uns sopapos, dessa vez de Spike, que achara de bom tom segurá-lo rapidamente enquanto eu finalizava o golpe certo em Kalel.

Os dois jogariam dali a dez minutos com um machucadinho a mais, mas poderiam dizer que era resultado do jogo.

— Foi, sim, senhor — Kalel respondeu contrito. Ele estava com medo de apanhar de novo.

Não estava nem aí se ele era veterano e titular. Quando o restante da equipe entrou no vestiário e

conseguiu nos separar, a explicação saiu truncada de todos os lados, mas foi consenso geral que, em namorada de companheiro não se mete a mão. E nem mesmo se coloca os olhos cobiçosos. O código entre machos dita: se a namorada do seu amigo for uma vagabunda de primeira, você faz de tudo para tentar mostrar ao seu companheiro que o que ele tem ao lado é uma biscate. Mas nem assim você dá em cima da garota e trai seu “irmão”. Nunca.

E quando a garota era linda, adorável, gentil e nunca sequer dera margem para que se comportassem como selvagens libidinosos, aí, sim, você não poderia ousar fazer qualquer comentário tosco que desmerecesse o caráter ilibado do objeto de adoração do amigo.

Então era isso. Eu me enfiaria em quantas brigas necessárias fossem por causa de Sunshine. Ela já tinha tido a cota de babacas que achavam que só porque era espontânea e brincalhona, era uma garota selvagem e vulgar. Sunny não era assim. Era um espírito livre, mas tinha o coração mais puro que alguém poderia imaginar.

— Mike? Alguma coisa a mais a dizer? — o

PERIGOSAS NACIONAIS

treinador perguntou. — Algum acerto ou necessidade de se acalmar para o jogo daqui a dez minutos? — enfatizou as últimas palavras. Será que ele achava que eu precisava ver Sunny para me acalmar?

Bom, seria ótimo, mas eu não queria que ela soubesse da briga no vestiário. Então era melhor deixar pra depois.

— Não, senhor.

— Ótimo. Conversaremos sobre este episódio após o jogo. A sorte de vocês é que o time todo concorda que o que houve foi motivado pelos ânimos exaltados pela partida.

Acenei a cabeça em concordância e deixei que ele pensasse aquilo.

— Agora vão. Kalel, troque a camisa. Tem sangue respingado aí — falou e bateu no meu ombro.

Senti um puta orgulho por ter defendido a honra da minha garota, embora ela nem fizesse ideia disso e nem mesmo fosse a flor frágil que precisasse de um defensor. Minha Sunny era mais forte do que muitos poderiam imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas se dependesse de mim, não haveria um infeliz na Terra que ousaria abrir a boca para falar merda ou agir como um animal enlouquecido por luxúria quando quem estava à frente era Sunshine Walker.

Saí da sala do treinador e voltei ao vestiário, pegando as ombreiras e o capacete. Agora era hora de me concentrar no jogo. Eu só esperava que em algum momento meus olhos se cruzassem com os dela para que meu coração voltasse a bater no ritmo que sempre batia quando eu a via.

Podia ser piegas admitir minha necessidade dela assim, mas não estava nem aí para o que as pessoas pensassem de mim.

Sunshine era a energia que eu precisava para me empenhar em ser melhor a cada dia.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

Sunshine



Terminei de aplicar o batom e esfreguei os lábios, para espalhar, aprovando a textura e o gosto. Mike podia até resmungar dos batons melosos, mas que ele gostava quando eu usava uns que tinham sabor de frutas, gostava. Aquele era de cereja. Ri sozinha imaginando a cara de Mike e o receio em querer me beijar pensando que o batom ficaria instalado na boca dele.

— Ei, Sunny. Acabou? As garotas já estão em formação. Querem ver os caras passando pela fresta — Maureen disse baixinho e começou a rir.

— Terminei, mas juro que esse penteado vai me dar uma dor de cabeça monstruosa ao final. Por que as garotas inventaram esse laço enorme? Ele é mais

pesado que o meu cabelo! — Gargalhamos juntas ao sacudir a cabeça e observar o efeito que o maldito laço tinha. Ele se agitava como um pompom. — Oh, bem... se fizéssemos um bate-cabeça ao estilo rock'n'roll, ficaria estiloso — confabulei.

— Para, Sunshine... que roqueira decente usaria esse laço de uma criança de cinco anos de idade? — Maureen ralhou.

— É mesmo. Você tem razão.

— Vamos, garotas! Os gostosos estão saindo! Ai, que tudo! — Victoria gritou da porta e se abanou. Ela conseguia ser pior do que eu em meus tempos áureos.

Bem, digo tempos áureos quando eu não podia ver um gatinho passando e já hiperventilava. Claro que não fazia nada e era apenas um número, mas ninguém precisava saber. O importante era que eu sabia apreciar um exemplar masculino quando via um.

O time de futebol americano de Princeton, os Tigers, era dotado de jogadores simplesmente deliciosos. Opa. Risque isso, por favor. Havia UM

jogador absolutamente gostoso e que ninguém podia colocar a mão. E esse cara era meu. Bom, eu mantinha um olho vigilante no noivo da minha irmã, Thomas *Fofolindo* Reynard, e ela era muito agradecida a mim, embora fosse supersegura, já que Thomas não dava margem para dúvidas sobre sua fidelidade.

Aqueles dois juntos chegavam a ser insuportáveis de fofos. Eu e Mike não estávamos longe nessa escala, mas eu me enquadrava em algo mais sorrateiro e picante. Afinal, eu sou Sunshine, né? De tímida não tenho nem ao menos a unha do dedo mínimo, logo... deduza aí... tive que desvirtuar meu Mike, que sempre foi tão centrado e calado nessa vida.

Gosto de pensar que nos completamos totalmente. Eu e ele fazemos um jogo belíssimo, como a panela e sua tampa perfeita. Criamos um encaixe mais do que perfeito. Com nossas diferenças e similaridades, estabelecemos um relacionamento lindo e cheio de amor e confiança.

— Sério, Sunshine. Você é uma vaca sortuda — Charlize disse e me deu uma ombrada. — Aquele

seu namorado é uma coisa de louco.

— Eu sei! — admiti com um sorriso enorme.

— Eu sou casada e posso atestar que o Crawford é um espetáculo. Com todo o respeito, Sunny — Kendra afirmou.

Bati uma mão contra a dela em um *high five* bem feminino. Ali no grupo havia apenas uma líder de torcida com quem eu não me dava bem. Cherry. A garota não deixava às escondidas que já tinha passado na mão de quase todo o time de futebol e estava meio puta porque não conseguia completar seu *score* com alguns. Liste aí: Thomas, Mike e Storm. Certas garotas quando colocavam um objetivo na cabeça, não tiravam nem com toda quantidade de água oxigenada concentrada necessária para descolorir os fios que ostentavam.

Tudo bem. Eu tinha unhas. Não como as da Rihanna. Mas eram unhas, de qualquer maneira. Bastava que a assanhada erguesse os cílios postiços de uma maneira mais veloz na direção do meu namorado e meu pompom voaria sem querer — querendo — em direção ao olho dela. Pode ser que uma córnea se deslocasse no processo, mas eu

tentaria ser sutil.

Normalmente os caras se aglomeravam no lado oposto do enorme corredor do estádio, porque eles esperavam que entrássemos primeiro, para só depois, quando o locutor anunciasse, pudessem romper a faixa que dava acesso ao campo. Em jogos grandiosos, como finais de campeonato ou classificatórias, o espetáculo chegava a atingir quase que um show ao estilo final de *Superbowl*. Okay, exagerei. Mas vocês entenderam o sentido.

Bem, mesmo que fosse um jogo simples contra uma universidade de Washington, ainda assim nos empenhávamos em fazer uma apresentação fantástica que entrasse para os anais da história. Os caras queriam entrar no rol como os melhores jogadores de Princeton. Nós queríamos o mesmo, só que como *cheerleaders*.

Tudo bem, vou dizer que não almejo ser uma líder de torcida para o resto da vida. Meus planos incluem realmente me formar na faculdade e ser alguém com uma carreira de sucesso. Não que as profissionais que fazem isso não sejam, por favor. Minha meta sempre foi entrar como *cheerleader* na

universidade porque eu sabia que daquela forma teria a bolsa de estudos que me garantiria os anos de estudo com sossego. Então, eu aliava a formação acadêmica com aquilo que mais amava fazer: dançar.

— Formação! — Sabrina gritou e agitou o pompom para que nos organizássemos na fila.

Saí atrás de Maureen. Cherry vinha logo atrás de mim. Eca. Odiava aquela vaca. Já disse isso? Estou dizendo de novo só pra deixar claro.

Quando chegamos ao corredor escuro, escutamos o burburinho dos jogadores. Estiquei o pescoço o máximo que podia. Eu não era tão alta, então rolava aí uma certa dificuldade para enxergar acima da cabeça e dos malditos o *quê*? Laços. Os caras já estavam de capacete, mas procurei por aquele que ostentava o número que estampava a camisa com a qual eu dormia quase todos os dias. Só não nos dias em que eu era obrigada a colocar para lavar. Pena. Nesses, eu precisava vestir um baby-doll mesmo. Eu tinha que roubar outra jerséi de Mike qualquer dia desses.

Lá estava ele. O número 77. Crawford. Meu

PERIGOSAS NACIONAIS

Mike. Só conseguia ver a parte de cima do seu corpo, porque a quantidade de caras em volta me impedia de varrer os olhos pelo quadrante inferior, fazendo uma averiguação das calças brancas mais coladas que minhas leggings. Pelo amor das minhas tranças... alguém devia proibir aquele uniforme... O quê? Espera... eu estava louca? Como assim, proibir? Aí eu não poderia apreciar! Mas então meu lado bipolar muito louco e esquizofrênico – porque não bastava um transtorno mental, eu tinha que enfiar outro para dar um charme mais bacana à narrativa – pensava: *droga... o problema é que não somente eu apreciava as formas muito bem feitas de Mike naquele uniforme pecaminoso, como todas as mulheres do planeta*. Tudo bem, exagerei de novo.

Ele virou a cabeça, olhando para trás e meu coração acelerou. Mesmo por trás do capacete, eu podia imaginar que estava à minha procura. Mas a porcaria do arranjo na cabeça de Maureen me cobria. Só se eu a escalasse como um macaco, daí ele me veria. O importante é que o vi.

Um sorriso aflorou em meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

A fila de líderes começou a andar e a muralha de treinadores e jogadores reservas bloqueava o acesso aos jogadores principais.

Caminhamos lentamente, ouvindo a música de abertura no estádio, o locutor narrando as performances da universidade, bem como do time visitante. Olhei para baixo, respirando entrecortadamente, tentando evitar olhar para o lado, em busca de Mike. Eu também precisava me concentrar. Lembram-se do número aéreo que eu fazia no Westwood Garden High School? Aquela coreografia me valeu a entrada em Princeton e a repetição dela me garantiu a posição como cabeça-chave no time. Eu disse que era pequena e leve, não é? Só o meu traseiro era um pouco grande, obrigada. Mas garanto que Mike não achava ruim. Segurei o riso ao me lembrar do pensamento impertinente.

O corredor estava escuro, o barulho das conversas paralelas tiravam um pouco o foco e concentração, mas eu tentava a todo custo manter o equilíbrio zen que mamãe sempre nos ensinou a ter.

Fechei os olhos por um instante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na contagem de dez, a partir do locutor, entramos, garotas! Agitação! Vamos mostrar que as Prince Girls são as melhores! — Sabrina agitou.

— Uhuuuuu! — todas urraram.

Bem, eu não tive tempo para isso, já que senti um dedo tocando suavemente a minha mão em uma carícia tão sutil que poderia passar despercebida.

Abri os olhos rapidamente e olhei para a direita. Mike estava ao meu lado, com o sorriso mais lindo que alguém poderia imaginar. Quando chegou ao número dez, ele piscou para mim e disse:

— Arrase lá, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Mike



Observei a formação de líderes saindo e sorri satisfeito por ter conseguido burlar o bloqueio de treinadores, conseguindo me aproximar de onde Sunny estava. Foi uma breve carícia. Um toque apenas, mas o suficiente para acelerar meu coração e ter a certeza de que, sim, aquela garota linda ali era minha. Dedicava o sorriso aberto só para mim. O brilho dos olhos castanhos iluminava na minha direção. Então... eu me sentia o filho da puta mais sortudo do planeta por ser agraciado com a presença dela.

Poder mostrar o meu apreço e lhe desejar sorte naquilo que ela amava fazer foi apenas um bônus. Eu sentia ciúmes de vê-la no uniforme ínfimo das *cheerleaders* dos Tigers? Claro que sim. Podia ser

PERIGOSAS NACIONAIS

totalmente seguro dos sentimentos de Sunny, mas meu lado sulista aflorava e mesmo lapidado para ser gentil ao extremo, ainda assim, muitas vezes o monstro de olhos verdes corroía minhas entranhas.

Era Sunny quem me colocava nos eixos. Talvez em doses equilibradas, já que ela também era ciumenta. Então, considero que éramos dois loucos apaixonados em recuperação e trabalhando no quesito domínio próprio quanto a demonstrar o ciúme alheio.

O importante é que não brigávamos mais, um com o outro, por conta disso.

Quando o locutor anunciou a entrada do time, dei alguns pulos no lugar, buscando aquecer o corpo para o jogo que se seguiria logo mais.

— Bom jogo, bro. — Thomas bateu no meu ombro.

— Pra você também — respondi.

— Aí, se liguem. Vamos ficar na torcida organizada, com baldes de gelo para enfiar dentro das calças de vocês se não ganharem esse jogo, hein? — Storm disse rindo.

— Idiota — ralhei.

PERIGOSAS ACHERON

O time inteiro corria junto em direção ao campo, independente se os reservas jogavam ou não. Éramos uma equipe coesa. Estávamos ali uns pelos outros.

— Vamos lá, Tigers! — Thomas gritou.

Ele como capitão e *quarterback* naquele jogo era o responsável por incentivar todo mundo, levantando nossa moral para que alcançássemos o resultado esperado.

Agora era a hora de focar no jogo, usar os longos e árduos treinamentos aos quais vínhamos sendo submetidos por todo esse tempo, fazendo de tudo para levar Princeton para as classificatórias. Era meio de temporada, o time já estava com um bom resultado e precisávamos manter o desempenho para garantir as colocações.

Olhei para a esquerda e vi as líderes em formação linear. Sunny estava no meio. Ela fazia a porcaria do número aéreo pelo qual era tão aclamada, desde o ensino médio, mas eu odiava. Meu coração sempre ia da garganta ao pé, como aquele maldito brinquedo dos parques de diversão, temendo que em algum momento algo desse

PERIGOSAS NACIONAIS

errado. Eu confiava em suas habilidades. Eu não confiava muito era nas das colegas. O pior é que o show das líderes, com essa coreografia mais engenhosa, só acontecia no intervalo, quando normalmente estávamos enfiados no vestiário, ou levando esporro do técnico ou recebendo elogios pelo excelente jogo.

No início do jogo era uma dança mais sutil. Se você considerasse a exibição do corpo lindo que ela tem como algo sutil. Os panacas que tinham que se concentrar ficavam olhando a coreografia, achando que eu não percebia. A vontade era virar um arremessador compulsivo de bolas ovais e sair acertando a cabeça da geral. Mas eu não poderia fazer isso, ou o time ficaria desfalcado. Pena.

Thomas correu até o alambrado e só depois é que percebi a razão. Rainbow estava apoiada e com a mão esticada para que ele a cumprimentasse. Na verdade, o bocó ergueu o capacete e fez com que ela desse um beijo ali. Babaca. Roubou a minha ideia. Quer dizer, foi meio genial ele fazer aquele número romântico, agora eu teria que criar outro para superar uma possível rotina de jogos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando olhei para Sunny, ela tinha um sorriso nos lábios e me olhava. Ergueu os dois polegares para cima e eu pisquei, tocando a borda do meu capacete, em uma saudação.

O jogo começou fervendo. A universidade de Washington queria garantir os playoffs, bem como nós, e não pouparam esforços, inclusive, descendo a bordada em Thomas, que sairia do jogo cheio de hematomas.

Os primeiros quinze minutos foram duros e nós que começamos com a bola, então garantimos que o ataque avançasse algumas jardas, mas não conseguimos finalizar nenhum *touchdown*.

Quando o segundo quarto de tempo começou, nem bem se passaram sete minutos e tomamos a bola do time atacante. Com isso revertemos a jogada e agora tínhamos chance de evoluir as jogadas até alcançar o tão esperado ponto.

Thomas fez um lançamento fantástico, mas quando eu estava prestes a receber, um míssil em forma de quase 100 quilos me arremessou para fora do campo. Perdi o ar por alguns segundos e fiquei contemplando o céu até que umas palmadinhas no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu rosto me trouxeram de volta.

— Você tá bem? — Sunny perguntou. Ela estava ajoelhada na grama, bem ao lado da minha cabeça. Meu anjo estava ali.

Você poderia pensar que isso é um lance demorado, ou um diálogo que daria tempo para um beijo tórrido e quem sabe tomar um gole de vinho — como se bebêssemos -, mas não é assim que funciona. A coisa acontece em questão de segundos. Calhou que quando eu caí e derrapei na grama, eu fui arrastado para o local onde as líderes estavam a postos. Possivelmente você já deva ter visto em alguns jogos que muitas quedas dessas quase resultam em arremessar as pessoas na lateral do campo como pinos de boliche, então apenas dei graças a Deus que não acertei Sunny no processo.

— Yeap.

— Então levanta e arrebenta a cara daquele número 54. Se você quiser, eu posso enfiar o meu pompom no...

— Sunny! — interrompi seu pensamento antes que alguém a ouvisse.

— Desculpa. Vai, vai!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei do chão e sacudi a sujeira que agora estava grudada à minha roupa, voltando ao campo.

Thomas perguntou se eu estava bem e apenas acenei afirmativamente com a cabeça. Olhei para onde Sunshine estava e ela tinha sangue nos olhos, pois estava encarando o jogador adversário que havia me jogado longe, como se aquilo fosse capaz de pulverizá-lo. Quando nossos olhares se encontraram, ela bateu um punho na mão contrária, indicando que era para eu esmurrar o agressor.

Comecei a rir.

— O que foi? — Thomas perguntou.

— Nada. Vamos voltar para o jogo. Estamos quase chegando. Mais uma jogada longa dessa e pode ser que cheguemos a um *touchdown*.

Thomas reuniu todos no miolo do campo, antes de fazer a formação para o lançamento da bola e disse:

— Kalel, você já levou uma surra hoje, se não quiser levar outra, faça o favor de proteger as costas do Mike.

— Okaaaay — respondeu e me deu uma ombrada. Um pouco mais forte do que devia, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com camaradagem.

— Dylan, Beckett, façam a guarda para o arremesso, tudo bem? Vou tentar fazer um lançamento longo para o Mike pela linha direita, mas eles pensarão que será pela esquerda.

Com a concordância de todos, simplesmente nos posicionamos e ficamos em nossas posições.

E foi fantástico. Thomas recebeu o passe, teve a retaguarda protegida e encontrou a brecha perfeita para lançar a bola. Passei como Usain Bolt por dois *cornerbacks* e o maldito *linebacker* que havia quase me arremessado no colo de Sunshine (obrigado, idiota, é lá mesmo que vou encerrar minha noite...).

A bola de Thomas veio rasgando o céu em alta velocidade e pulei o mais alto que pude para fazer o agarre perfeito. Quando senti a firmeza dos meus dedos, ouvi a torcida ao fundo e passei voando pela lateral do campo, pulando dois homens da defesa que tentaram *amputar* minhas pernas.

E foi *touchdown*!

Eu não era dado a fazer dancinhas da vitória para comemorar, nem nada do tipo. Apenas acenei para a multidão e corri para o meio do campo, para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraço coletivo com o time.

— Fantástico, Mike! — o treinador gritou quando passei do lado.

Mais alguns minutos, alguns pontos e jardas conquistadas e o intervalo chegou. Era hora de poder descansar um pouco, mas antes eu queria poder ao menos dar um beijo às escondidas na minha garota.

E na minha mente eu pensava assim: se eu havia conseguido sobreviver àquela bala de canhão sem que meu pulmão tenha sido extirpado ou as costelas tenham fraturado; se consegui burlar a linha ofensiva e chegar à *end zone* para finalizar o ponto, então, não havia obstáculo intransponível que me impedisse de chegar até Sunny.

Enquanto o time corria para os vestiários, desviei a rota rapidamente e cheguei até a área onde as líderes estavam a postos, apenas esperando para começar a apresentação a fim de distrair o público.

— Ei, psiu! — chamei baixinho.

Sunshine arregalou os olhos e olhou para os lados, observando se alguém da equipe estava de olho em nossa interação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está fazendo aqui, está louco? — cochichou. — Você tem que ir para o vestiário! Lembra que isso dá punição?

— Não estou nem aí. Não queria sair sem te dar um beijo — falei e segurei sua nuca para puxá-la para mim.

Sunny começou a rir antes que nossos lábios se tocassem.

— O que foi? — perguntei com o cenho franzido.

— Você gosta de cereja?

Eu ri de volta, porque no mínimo ela estava falando do batom que brilhava naquela boca linda que ela tinha.

— Vindo de você, pode ser a salada de fruta que for, Sunny. Eu sempre vou gostar. Até um batom de beterraba.

— Eca, que nojo.

Beijeí aqueles lábios suculentos para que pudesse parar de rir e por fim voltar ao vestiário antes que o técnico desse minha falta.

— Eu te amo, Sunny. Quebre a perna... mas não...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—... literalmente. Já sei, seu bobo — ela me interrompeu. — Eu também te amo. A propósito, você arrasou. Mas não deu um esbarrão no panaca.

Comecei a rir e beijei a ponta de seu nariz.

— Faço isso depois.

Acenamos uma despedida e ela correu para a formação. Voltei para o túnel e revirei os olhos quando ouvi a revoada de assovios masculinos que só poderia indicar que as líderes de torcida finalmente estavam em campo.

Porra.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO

4

Sunshine



Okay. Os dois primeiros tempos foram épicos. Tensos, até. A queda de Mike, quase no meu colo, por sinal, foi meio preocupante, e minha vontade era arrancar os olhos daquele bostinha do outro time. Idiota. Ainda saiu rindo e nem se dignou a pedir desculpas.

Fizemos nossa apresentação com maestria. Também, vamos combinar... ensaiávamos aquela coreografia quase que quatro vezes por semana, por três horas. Era muito mais do que um baita treino de *crossfit*, associado a um *Ironman*. Tudo bem... hoje estou sendo exagerada em absolutamente tudo. Me julguem. Mas enfim... acho que vocês entenderam.

Nossos treinos eram intensos. A maioria das

peessoas pensava que as *cheerleaders* eram vadias descerebradas que passavam o dia fazendo as unhas, arrumando os cabelos e olhando revistas de fofocas, além de tomando *shakes* para tirar *selfies* iradas com seus tanquinhos fenomenais no *Instagram*. Por favor... não era assim.

Embora algumas garotas do time curtissem muito a *vibe* intensa de frequência nos salões de beleza, e levavam a coisa tão a sério quase a um nível preparatório para o Miss Universo, nem todas eram fúteis desse jeito.

Eu mesma adorava revistas de celebridades, mas intercalava minhas leituras e horas de Netflix, com meus estudos, então, tirava minhas boas notas, além de manter o treino funcional para o time. Fora que, se não mostrássemos um boletim agradável, e por agradável eu quero dizer com notas decentes, corríamos o risco de perder a bolsa estudantil.

Depois que meu número aéreo finalizou, sem que eu aterrissasse de cara no chão – obrigada, Deus, por mais este livramento -, respirei fundo e aceitei a garrafa de Gatorade que o entregador tão prestativo do time estava me dando. Dei um sorriso e o garoto

ficou da cor do líquido de frutas cítricas.

Quase tracei a garrafa de uma só vez, mas mantive a pose e bebi devagar. Olhei para o alambrado e vi Rainbow comendo um pacote de pipocas. Ela devia estar se sentindo meio só ali. Normalmente nos jogos em que ia, para assistir Thomas, sempre levava Becca a tiracolo, mas agora nem eu podia fazer-lhe companhia.

Acenei e ela devolveu, com um sorriso besta no rosto. Minha irmã tinha se transformado em uma manteiga derretida. No mínimo estava orgulhosa do lançamento perfeito de Thomas para as mãos do meu adorável namorado.

Tudo bem, eu também estava orgulhosíssima do feito espetacular do *meu garoto*. Afinal, Thomas pode ter feito o passe perfeito, mas quem correu com a alma foi o MEU MIKE. E *Touchdown*.

Certo. Haveria uma disputa um pouco louca entre nós duas depois. Nenhum duelo de palitinhos resolveria o conflito.

— Sunny! Ei! Está voando? — Maureen perguntou ao meu lado. — Já sei, sua safada... está pensando no seu lindo, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você sabe?

— Garota, você tem corações no lugar das pupilas.

— Sabe que tive uma amiga que já me disse isso? Será que é alguma espécie de poder sobrenatural?

— Duvido. É mais algo como você estar tão apaixonada por aquele cara megalindo que fica difícil disfarçar.

— Verdade.

— Sunny, você arrasou — Sabrina interrompeu nossa conversa. Cherry chegou junto. — Cada dia você melhora.

— Não sei como ela consegue, com essa bunda enorme — a cretina disse.

Revirei os olhos.

— Se você acha que isso me coloca pra baixo, Cherry, pense bem, porque não deixa. Se há uma coisa que meu namorado aprecia muito é o que lhe falta, mas eu tenho em... *abundância*, capisce? — zoei.

As outras líderes começaram a rir. Não sei por que ainda permitiam aquela vadia ali. Ela só criava

PERIGOSAS ACHERON

confusão com todas.

A sirene ressoou avisando que o intervalo havia chegado ao fim, então voltamos à formação para esperar os jogadores no meio do campo.

Mike veio correndo exatamente para o lado onde eu estava e discretamente encostou a ponta do dedo no meu nariz. As outras garotas todas fizeram: Owwwnnn...

Panacas.

E foi isso. Eu teria que aguardar mais dois quartos. Trinta minutos de sofrimento. Não meu, claro. Mas de Mike. Porque aquele jogo era brutal. Se as pessoas achavam que era fácil, é porque não eram elas que estavam em campo.

O time de Washington conseguiu fazer um *touchdown*, mas aquilo não abateu nossos garotos. Eles simplesmente correram atrás e foram à luta. Acabaram ganhando o jogo por 21 a 7.

Quando o árbitro encerrou a partida, os jogadores comemoraram, mas não demorou muito e Mike veio à minha procura. Fiquei na pontinha dos pés, tentando me fazer notar no meio da balbúrdia. Finais de jogos eram tumultuados. Muita gente

PERIGOSAS NACIONAIS

invadia o campo e virava uma zona.

— Sunny! — Mike gritou ao longe.

Levantei a mão e sacudi para que ele me visse. Não era possível que com meu enorme apetrecho na cabeça, eu não me fizesse ser notada. Por favor. Era quase como ter uma águia americana pousada no topo do meu rabo de cavalo.

— Aqui!

Quando nossos dedos se tocaram, foi parecido como aquele momento lindo em que dois personagens com superpoderes se tocam e uma ligação cósmica se estabelece. Quase poderia se ver as faíscas saltando para fora de nossas mãos agora unidas.

Mike espalmou meu rosto e me beijou. Como se dependesse daquilo para respirar.

— Estava morrendo de vontade de fazer isso — admitiu.

— Sério? Mas você não fez algo assim na hora do intervalo? — perguntei brincando.

— Ali foi um movimento furtivo. Agora eu posso realmente fazer sem me sentir um criminoso cometendo um crime — retrucou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bobo.

— Sabe o quê? — perguntou e colocou o braço sobre meu ombro. Nem me importei que estava suado e cheio de grama.

— Não. O quê?

— É nosso primeiro jogo, sabia?

— Como assim?

— Você escalada como líder de torcida e eu como jogador titular — falou e só aí me toquei. Realmente.

— Nossa! É mesmo! Mike! Nunca tivemos isso no ensino médio! — quase gritei.

— E eu disse que você me tiraria o foco se fosse *cheerleader* na minha época de colégio... — brincou.

— Seu bobo. Você não perdeu o foco aqui — afirmei.

— Quem disse? Tive que me concentrar muito para não ficar olhando pra você toda hora — falou.

— Jura? — perguntei e arqueei uma sobrancelha. Ele passou o dedo sobre ela, para que eu a abaixasse. Mike sempre fazia aquilo.

— Juro. Mas fiquei orgulhoso, porque foi quase

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como trabalhar como uma dupla perfeita.

— Não é?!

— Agora nós podemos ir pra casa, comer uma pizza e assistir TV. O que você acha? — perguntou e sorriu. — Mas se você quiser fazer uma massagem nos meus músculos judiados, vou ficar muito feliz.

— Aww... pobrezinho. Você levou uma bordoadada horrível nesse jogo, não foi? — falei e enlacei seu pescoço. Mike me levou o resto do caminho me carregando, já que meus pés saíram do chão.

— Foi uma pancada horripilante.

— Precisa de cuidados de uma enfermeira cuidadosa?

— Por favor...

— Conheço uma perfeita — disse e beijei seu queixo.

— É mesmo? Quem? Você teria o telefone dela?

— Ah, sim. O nome é Sunshine. Walker. Basta telefonar. Ah, mas espera. Sou eu! — gritei e comecei a rir.

— Você é tão boba, Sunny.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Mas ainda assim conquistei o *wide receiver* mais gostoso da costa leste — respondi e levei um beliscão. — Ai! Por que me beliscou?

— Porque você não pode me comparar com uma parte somente e deixar margem para o outro lado do país.

— Ah, tá. Desculpa. O receptor mais gostoso de todo o país. Melhorou? — perguntei.

— Não é querendo me gabar, porque nem acho que sou isso tudo, mas só de saber que você me escolheu para ser seu, já me sinto o cara mais sortudo do planeta... então, sim. Melhorou pra caralho.

Começamos a rir.

— Escuta. Vou deixar os equipamentos no vestiário, mas nem vou tomar uma ducha, porque prefiro fazer isso no apê. Você vem comigo? Será que vamos conseguir distrair o Storm e expulsá-lo de lá? — perguntou esperançoso.

— Não sei, mas sempre há esperança. Ah, olha a Rain ali! — Apontei para minha irmã que vinha enlaçada com seu noivo. — Rainbow!

Os dois vieram em nossa direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Storm veio trotando logo atrás.

— Olha só, cambada. Eu vou trocar de roupa e vou seguir para uma festa com o Spike e os caras. Depois de comer um milhão de hambúrgueres, obviamente — ele disse.

Mike me olhou e piscou. Eu apenas sacudi a cabeça e comecei a rir. Disfarcei, porque se Storm percebesse, poderia melar os planos.

— Ei, eu e Thomas vamos pegar a estrada para Westwood. Amanhã é aniversário da mãe dele — Rainbow disse rapidamente.

— Okay. Mande beijo para mamãe e papai — falei.

— Pode deixar.

— Vou trocar de roupa aqui mesmo e já vamos sair direto, sem nem passar em casa — Thomas falou diretamente para Mike. — Consegui te livrar da conversa hoje com o treinador, Mike. Vá pra casa e esfrie a cabeça, okay?

Os dois bateram os punhos cerrados e se comunicaram em silêncio.

Ué. O que foi aquilo?

O que o treinador precisava conversar com Mike

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que Thomas tivera que livrar a cara dele?

Eu e Rainbow ficamos à espera de nossos respectivos caras enquanto eles se empetecavam, por assim dizer, no vestiário.

— Ei, Rain... — comecei a conversa, a curiosidade me vencendo. — O que será que Thomas quis dizer com aquilo?

— Aquilo o quê? — Oh, céus. Esqueci que minha irmã mais velha era mais desligada que meu despertador em dia de sábado.

— Que o Thomas falou para o Mike. Sobre o treinador. Será que aconteceu alguma coisa?

— Não faço a mínima ideia.

— Claro. Por que isso não me surpreende? — Revirei os olhos.

— Pare de se meter nos assuntos dos garotos e se concentre nos seus — disse com sabedoria. Eu odiava aquilo.

— Você não sente nenhuma curiosidade?

— Nope.

— Mentirosa.

— Só de vez em quando.

— Eu sabia. — Comecei a rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois vieram conversando e nos encontraram no mesmo lugar onde estávamos. Naquele meio-tempo, esqueci completamente que eu também deveria ter ido trocar de roupa. Droga. Eu ainda estava toda “equipada” com as roupas suadas de líder de torcida. Yay. Poderia torcer pelo Mike no carro.

— Vamos? — Mike estendeu a mão e me puxou.

— Tchau, pessoas. Juízo na estrada, hein? — orientei Thomas e dei um beijo em Rainbow.

Segui com Mike andando calmamente até fazer o impensável. Bem, não tanto. Já que normalmente eu fazia aquilo quando ele menos esperava.

Pulei nas suas costas e o fiz me carregar como uma mochila. Ele começou a rir logo de cara.

— Por que isso não me surpreende? — perguntou virando a cabeça para me olhar.

— Porque você conhece a namorada que tem? — respondi em uma pergunta retórica.

— Exatamente. Já fico preparado quando você se afasta e dá uns passos para trás.

Disparei a rir e apertei os braços com mais força.

— Não precisa me enforcar, sabe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Mas é muito amor que tenho pra dar... fica difícil me conter — falei e beijei a lateral do seu pescoço. Estava com o gosto salgado do suor, mas eu nem me importava.

Seguimos pelo estacionamento daquele jeito, ignorando os olhares ao redor. A parte boa do meu namoro com Mike era que um se ajustou ao outro. Ele teve que aprender a lidar com a minha espontaneidade em momentos aleatórios e eu tive que aprender a respeitar os momentos de silêncio dele. O que era meio tenso, mas eu me esforçava. Confesso que sentia vontade de colar uma fita adesiva na minha boca para evitar tentar puxar assunto, mas estava conseguindo.

Desci assim que chegamos ao jipe de Mike e ele ajudou a me instalar no assento, como um cavaleiro. Era tão fofo.

Quando entrou e ligou o carro, colocou a mão no meu joelho e acho que só aí notou que eu ainda estava com o uniforme.

— Você pulou nas minhas costas usando essa roupa que não esconde nada? — perguntou com os olhos entrecerrados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu juro que não senti nenhuma espécie de ventilação nas partes baixas, então significa que ninguém viu meus fundos, Mike. Juro — respondi rindo.

— Sunny...

— Mike...

Observei o suspiro resignado que ele deu e dei um sorriso sincero.

— Eu me esqueci de ir para o vestiário trocar de roupa... estava empolgada te esperando — falei e encostei a cabeça no banco, sentando de lado e olhando atentamente para ele.

O som do rádio tocava uma canção, e me surpreendendo mais uma vez, Mike aumentou o volume.

— Você sabe que depois de jogos onde conquistamos a vitória, sempre estou atolado de adrenalina, não é? — informou e me olhou de lado. Acenei afirmativamente com a cabeça. — E sabe que o dia de hoje foi mais do que especial...

— Hum-humm...

— Então... fazendo algo completamente diferente do que estou acostumado e que não faz

PERIGOSAS ACHERON

meu estilo... quero que guarde esse momento. Talvez como algo único.

— Okay...

Mike apertou o botão para trocar a música e comecei a rir. Eu nunca poderia imaginar mesmo, mas quando a melodia teve início eu mesma comecei a dançar suavemente no banco. Mas o mais bacana de tudo foi ouvir Mike cantar junto na estrofe, com Adam Levine:

— *“I need a girl like you... yeah... yeah... I need a girl like you”*... — cantou e olhou para mim, rindo.

Deixei que ele cantasse sempre que a estrofe entoasse a frase que ele queria que eu absorvesse até que Cardi B começou e zoei:

— *“You don’t want a girl like me, I’m too crazy... But every other girl you meet is fugazy... I’m sure them other girls were nice enough, but you need someone to spice it up... So who you gonna call? Sunny, Sunny”* — cantei, tentando acompanhar, o que era meio impossível, já que rap feminino conseguia ser mais louco que masculino.

— Ah, eu preciso sim. De uma garota

exatamente igual a você. Louca como você. Apimentada como você... — ele interrompeu minha tentativa de cantar com a maluca velocista. Daí mudei: — *“I need a boy like you... yeah... yeah... yeah... yeah... I need a boy like you...”*

— *“I need a girl like you... yeah... yeah... I need a girl like you”*... — Mike cantou junto.

E o carro virou um festival de risos. As pessoas poderiam não entender absolutamente nada, mas aquela era uma declaração de amor tão linda quanto qualquer poema romântico escrito em páginas perfumadas e acompanhado de uma dúzia de rosas.

Mike me amava do jeito que eu era. Independente de eu passar vergonha nele em alguns momentos. Porque eu tinha certeza que devia fazer isso.

E eu amava Mike. Do jeitinho que ele era. Não mudaria absolutamente nada naquele garoto. Nada. Sua timidez e sisudez davam equilíbrio à minha loucura e extroversão. Nós éramos duas peças perfeitas... encaixadas para que funcionassem como uma equipe.

Puxei nossas mãos que estavam com os dedos

entrelaçados e depositei um beijo ali.

— Eu te amo, Mike.

— Eu também te amo, Sunny.

CAPÍTULO 5

Mike

 Mais tarde naquela noite, depois de uma sessão de pipoca, filmes, massagens e amassos intensos, antes que Storm chegasse, estávamos deitados no sofá do apartamento, apenas curtindo o momento.

Minha mão mantinha-se em constante movimento acariciando o cabelo de Sunshine e eu podia sentir que em pouco tempo ela dormiria recostada no meu peito. E era tudo o que eu mais queria.

— Sunny?

— Hummm? — respondeu sonolenta e dei um sorriso acima de sua cabeça.

— Você vai acabar caindo no sono e babando em cima de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não babo, Mike.

— Como você sabe?

— O máximo que pode acontecer é um leve escape de saliva acumulada na cavidade oral...

Comecei a rir e senti que ela me acompanhava no riso.

— Sério isso?

— Hum-hum.

— Não é a mesma coisa que *baba*?

— Nope.

— E o ronco?

— Eu não ronco.

— Como você sabe? — atentei. Eu sabia que ela não roncava ou babava. Sunshine acordava tão linda quanto tinha ido dormir. Só um pouco mais amassada que o usual.

— Porque nunca ouvi. E o máximo que você poderia dizer era que eu estava... ronronando.

— Hummm... você sempre encontra alternativas fofas para justificar atos meio torpes e completamente naturais?

— Claro. Eu sou fofa, Mike. E babar e roncar são dois verbos nem um pouco *fashion* no meu

PERIGOSAS ACHERON

vocabulário. Ainda bem que você também não pratica ou conjuga esses verbos...

— Eu não ronco?

— No máximo você ressona com um pouco mais de ênfase... — ela respondeu e se acomodou.

— Sabe de uma coisa...

— Não. Você ainda não me contou — ela respondeu e dei um beliscão. — Aiii.

— Eu gostaria que você ficasse mais vezes aqui. Daí, poderíamos observar se realmente estes dois verbos não são usuais... — sondei.

Eu queria muito que Sunshine viesse morar comigo. Ela dividia o alojamento com duas amigas. Eu dividia o apartamento com Thomas e Storm. Em breve Thomas sairia por conta do casamento com Rainbow. Nós teríamos que dar um jeito em Storm.

Sunny se ajeitou no meu peito e apoiou o queixo nas mãos, me olhando abertamente.

— Como assim?

— Eu quero que venha dividir o apartamento comigo. Como uma espécie de... colega de quarto.

Ela começou a rir depois de alguns segundos.

— Essa é uma proposta indecente, Mike? —

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou com um sorriso.

— Não. É uma proposta baseada em um desejo intenso em tê-la ao meu lado de dia e noite. Quero poder dormir e acordar com você, Sunny.

— Mas esse não foi nosso acordo...

— Eu sei... mas pense nisso como uma etapa de pré-aquecimento...

— Pré-aquecimento? — Ela arqueou a sobrancelha linda.

— Sim. Para um futuro brilhante onde poderemos fazer o mesmo que Thomas e Rainbow... o que acha?

— Espera... isso é tipo uma espécie de... *test-drive* para se algum dia nos casarmos? — perguntou chocada.

— Não *se*, Sunny. Para mim é *quando*. Sempre vai ser você. Sempre. Meu futuro é seu. Pertence a você. É apenas questão de tempo. Enquanto me quiser, estarei ao seu lado... então espero que me queira para sempre como eu a quero.

Ela continuou me olhando sem piscar.

— Por que você tem que falar as coisas mais bonitas em momentos assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim como? — perguntei.

— Quando vou começar a chorar e meu nariz vai escorrer e aí, sim, será uma visão do inferno...

Comecei a rir e a abracei, puxando para cima do meu corpo. Daquela forma agora nossos corpos estavam alinhados e eu a olhava diretamente nas profundezas castanhas que sempre me encantaram.

— Eu não me importo. Você é linda pra mim de qualquer jeito. Babando, roncando... mesmo que não faça isso — corriji quando ela franziu o cenho —, chorando, com o nariz escorrendo, gripada, espirrando, descabelada, rindo, brigando, maquiada, pálida e com olheiras... de qualquer jeito... você sempre vai ser a luz do sol pra mim, Sunny.

Ela afundou o rosto no vão do meu pescoço.

— Eu só preciso que você diga sim.

— E o que vamos fazer com Storm? — perguntou ao erguer a cabeça.

— Podemos drogá-lo e jogar em uma vala?

Ela me bateu e desviei dos tapas.

— Brincadeira. Vamos conversar com ele. Em algum momento seu irmão terá que entender que as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmãs cresceram e têm o poder de tomar decisões, não é? E posso assinar algum termo, comprometendo minha integridade física caso não cumpra a promessa que fizer a você.

— Que promessa?

— A de que vou me casar contigo assim que a oportunidade surgir e o momento certo aparecer.

Ela beijou meu queixo e depois minha boca.

— Sabe que essa conversa é muito doida, não é?

— Para os outros? Possivelmente. Para nós dois? Não.

— Tudo bem...

— Então você aceita?

— Sim.

Como a simples palavra proferida pela sua boca, fiz o que queria desde o momento em que a puxei para os meus braços.

Eu a beijei como se o dia de amanhã não fosse chegar. Como se aquela fosse nossa última oportunidade. No arroubo, acabamos caindo do sofá, como uma repetição de tanto tempo atrás, quando ela veio visitar meu apartamento em Princeton pela primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

Estávamos embalados em um amasso lindo, onde eu a beijava e mordiscava, deixando que minhas mãos passeassem agora por baixo da minha camisa que ela vestia, já que teve que trocar o uniforme que ainda usava, quando a porta batendo nos alertou de que tínhamos visita. Puta merda. Só poderia ser uma pessoa.

Os passos chegaram e Sunshine escondeu a cabeça no meu pescoço. Estávamos escondidos pelo sofá, mas não por muito tempo. Eu podia senti-la rindo contra a lateral da minha garganta.

— É isso. O monstro da frigideira terá que atacar novamente, pelo jeito. Estou supondo que isso aí que estão praticando no chão não é nenhum golpe original de jiu-jitsu, certo? — Storm disse acima do encosto que não nos protegeu de sua vista. — Eu saio por apenas algumas... horas... e isso acontece? Céus. Não me contem. Meus ouvidos não podem ser perfurados pelas indecências que se passaram aqui. Só me digam que os estofados ainda são puros e intocados.

— Cala a boca, Storm — ralhei, segurando o riso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como a situação que peguei aqui não chega a ser tão comprometedora como a da Rainbow, não vou marcar um duelo de escumadeiras ao nascer do sol, cara. Até mesmo por que, mano... pelo amor de Deus... os caras eram loucos ou quê? Marcar duelos logo cedo? Com sono? Depois da esbórnia? Estavam pedindo para tomarem bala. Ou terem o bucho perfurado. Mas que fique ciente que... — Storm falou e foi interrompido pelo celular. — Ah, esqueça. Larguei de mão dessa gêmea aí.

Storm saiu trotando e Sunshine olhou para mim assombrada. Eu apenas dei de ombros sem entender também.

Pouco tempo depois ele voltou.

— Se for dormir aqui, Sunshine, faça o favor de se comportar. Ouviu bem? — ele disse apontando o dedo para ela. Agora estávamos sentados no sofá. — E você... cuide da minha irmã ou a surra de utensílios de cozinha será fichinha perto do que vou fazer com você — ameaçou e saiu de novo.

Storm andava misterioso ultimamente. Bem, eu estava me beneficiando, como naquele exato instante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós nos levantamos dali e voamos para o meu quarto. Antes apaguei todas as luzes e chequei se Storm tinha realmente trancado a porta.

Quando voltei ao quarto, Sunny já estava enfiada embaixo das cobertas. Só tinha deixado os olhos para fora. Comecei a rir.

— Tudo isso é frio?

— Nope.

— E o que é?

— Nada.

Desliguei a luz e retirei a camiseta. Puxei a coberta e arrastei Sunshine para o calor dos meus braços. Era isso. Não importava quantas vezes ficássemos juntos, sempre pareceria a primeira vez.

Ela era, definitivamente, a garota da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Sunshine



Acordei e abri apenas um olho, tentando fugir da fresta do sol que insistia em querer perfurar minha córnea. Era como um maldito raio laser. Devo ter dado um gemido, porque o próximo que detectei foram os braços de Mike ao meu redor e um beijo na nuca.

— Que horas são? — perguntou com a voz rouca.

— Cedo o suficiente para o maldito raio do sol quase me cegar.

Ele começou a rir e apertou os braços em volta das minhas costelas.

— Seu nome é uma homenagem ao deus-Sol e você está resmungando?

— Não estou nem aí. Eu devia ter me chamado

Moonlight. Combinaria muito mais com meu estilo de vida notívago.

— Você ama o sol, Sunny.

— Sim, mas não nos meus olhos — teimei. — Ah... preciso levantar.

Mike me deixou ir e fui cumprir o protocolo no banheiro. Aquele esquema matinal de expurgar o hálito de gambá morto. Ceeeerto. Eu podia não babar, roncar e nada... mas não seria diva o suficiente para dizer que acordava como se tivesse chupado uma bala de hortelã a noite toda. Por favor. Nem as Kardashians conseguiam aquela proeza.

Voltei e Mike estava deitado de bruços na cama. As cobertas estavam afastadas recobrando somente os quadris. As costas fortes eram um banquete para os olhos, mas também estavam recheadas de hematomas.

Sentei na cama, ao lado, e passei o dedo suavemente por cada injúria.

Ele abriu um olho apenas e me encarou.

— Por que não vi isso ontem?

— Porque não mostrei?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabia que você está aprendendo a ser desaforado me respondendo com perguntas? — brinquei e me delicieei com sua risada.

— É sério... nem me lembrei.

— Você não deveria ter colocado gelo?

— Sim. Depois do jogo. Mas fugi do treinador...

Aquilo me fez lembrar a conversa misteriosa que ele teve com Thomas.

— Hummm... falando nisso...

— Nisso o quê? — Deitou de lado e acomodou a cabeça na mão, com o cotovelo dobrado.

Perdi um pouco o foco ao contemplar o tórax desnudo e o restante da estrutura de Mike.

— Sunshine?

— Ops... desculpa... você tirou minha atenção — admiti e ri quando ele puxou meu cabelo. — Por que você teve que fugir do treinador?

— Humm... para evitar uma palestra longa depois do jogo.

— Mas por quê? Vocês não jogaram bem?

— Não sobre o jogo. Comportamental. Antes do jogo.

Franzi o cenho sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim?

— Digamos que dei uns sopapos em dois caras do time antes do jogo começar.

— O quê?

Acho que posso ter gritado um pouco mais alto do que o normal. Mike não era dado a brigas. Ele era um dos caras mais pacíficos que eu conhecia. Storm era encenqueiro.

— Por quê, Mike?

Mike passou o dedo suavemente pelo meu rosto e apoiou a mão na minha nuca, puxando minha boca de encontro à sua.

— Ninguém desrespeita minha garota e fica por isso mesmo.

— Como assim?

Mike sentou na cama, recostando-se à cabeceira e me puxou para o seu colo.

— Digamos que uns caras estavam falando com muita efusividade ao seu respeito...

— O quê? — Comecei a rir. — E por causa disso você brigou com eles?

— Sim. Eles estavam dizendo que iam paquerar você e o quanto você é gostosa... juro que tentei me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comportar, mas quando começaram a ser mais apelativos, eu realmente perdi a cabeça.

— Mike... você não pode brigar com todo mundo que resolver falar alguma merda assim...

— Se eu estiver no mesmo lugar, e souber que estão falando da minha garota... sim, eu posso. O limite do respeito existe para isso, Sunny. Não posso impedir que os caras a achem gostosa e linda, porque é o mesmo que tentar cobrir esse feixe de luz do sol aqui com a mão... é o mesmo que tentar impedir que a luz solar nos aqueça... — disse e passou os dedos por entre os fios do meu cabelo. — Mas quero que sejam no mínimo respeitosos. E que saibam que você tem namorado, porra. Logo... afastem os olhos para as outras garotas da redondeza... porque essa já é minha.

Oh, céus. Ele poderia ser mais lindo? Não. Não poderia.

— Awww... você é tão fofo.

Mike bufou em deboche.

— Já disse que homens não são fofos.

— Você é o meu próprio príncipe encantado.

— Não sou perfeito, Sunny — falou com um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso brando.

— Eu sei. Assim como eu não sou. E é isso que nos torna humanos. Se fôssemos perfeitos seríamos chatos para cara...mba. — Eu estava tentando controlar a língua.

— Você é perfeita. Perfeita pra mim.

— Não sou perfeita, Mike. Vou fazer coisas que resultarão em brigas e desavenças, assim como tenho certeza que você vai. Eu não sei cozinhar. O máximo que sei fazer é uma panqueca bacana. E sou bagunceira. Você é organizado. Eu canto fazendo as mínimas coisas. Até varrendo a casa. Você gosta do silêncio... em algum momento das nossas vidas, pode ser que uma dessas coisas acabem irritando o outro... — falei com sinceridade.

— Mas sabe o quê, Sunshine? Eu não consigo ver nenhuma outra garota na minha. Você pode cantar nos momentos impróprios. Se algum dia isso me irritar, eu coloco um fone de ouvido, ou vou para o quintal.

Sorri com o beijo que me deu na ponta do nariz.

— Você pode bagunçar a casa, eu vou recolher

PERIGOSAS NACIONAIS

suas coisas, ou se algum dia eu ficar puto, vou jogar minhas coisas no chão também. Vamos formar o caos, juntos. Se você queimar a panqueca, compramos caixas e caixas de cereais, biscoitos. Ou posso aprender a inovar as receitas da minha avó. Eu acredito que relacionamentos são isso... um acrescenta ao outro aquilo que precisa ser acrescido. Um cede naquilo que precisa ceder. Se eu fizer algo que te irritar, você me fala. Eu tento melhorar. Não prometo mudar, porque nunca devemos nos relacionar achando que o outro vai mudar... o que precisamos é aceitar um ao outro do jeito que somos. E eu te aceito do jeitinho que você é.

Mike me encarou por tanto tempo que achei que estivéssemos congelados no tempo.

— Você é a garota da minha vida. E eu quero ser o seu cara.

— Você já é, Mike. Você já é.

Com aquilo, simplesmente beijei o cara que tinha à minha frente com toda a dose de amor que ele estava despejando em cima de mim.

O futuro poderia ser incerto. Poderia ser

PERIGOSAS ACHERON

imprevisível e cheio de perspectivas que nenhum de nós fazíamos ideia, mas o que sabíamos é que nenhum dos dois conseguia divisar a vida a partir dali sem que o outro estivesse fazendo parte.

Isso era relacionamento. Acreditar que viver o presente era suficiente. Usufruir ao máximo as pequenas bênçãos que a vida podia trazer. Confiar que o futuro era uma estrada longa à frente, mas podia ser pavimentada pouco a pouco, com companheirismo, etapa a etapa.

Ele podia dizer que eu era a garota da vida dele, mas Mike era o *homem* da minha vida. Ao lado dele eu queria amadurecer e ser tudo aquilo o que ele sonhava.

Ao lado dele eu queria ser apenas eu. Sunshine Walker. Algum dia, quem sabe, Crawford. Com o maior orgulho do mundo.

Deixei que os beijos que trocávamos fossem o selo perfeito para as promessas vindouras...

Fim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota da autora

Mais uma vez, eis aí apenas um mimo para vocês, leitores lindos da minha vida. Eu deveria escrever um conto, qualquer dia desses, intitulado Os leitores da minha vida. Seria bem original...

Sunshine é uma das personagens mais bacanas que já criei, porque quem me conhece consegue identificar as semelhanças dela com quem? Quem? Além do Storm, o gêmeo, se essa foi a resposta de todos... Comigo. Eu digo que sempre me divido um pouco com vocês e acho essa magia dos livros simplesmente fantástica. Poder levar um pouco da essência de quem somos até vocês.

Sunshine e Mike vieram para arrebataram o coração dos leitores e confesso que meu grande medo, quando escrevi a sequência para Rainbow, era que mantivesse no mesmo padrão de aceitação que tiveram com a primeira Walker. Pensem... Rainbow

foi um livro fofinho, com uma mensagem tocante. E o medo de não conseguir repetir o feito com Sunny? O medo do fracasso? Ver que vocês a receberam de braços abertos é o mesmo que me sentir abraçada... porque Sunny sou eu. Adolescente. Então, agradeço de coração... vocês não fazem ideia da felicidade em que estou.

Muitos agora estão à espera do gêmeo. Storm virá. Como uma tempestade. Exatamente como o nome dele evoca. Mas preparem para sentir o coração trovejando no peito, com as emoções que ele vai despertar, porque tentei fazer o imprevisível e coloquei mais do meu coração nele. Talvez seja o livro mais emocional dos três. Onde realmente soltei um pouco meu Sparks interior. Cômico pensar assim, ainda mais com um personagem tão hilário quanto Storm, não é? Mas creio que ao final, valerá a pena a viagem e mesmo que as nuvens negras mostrem um prenúncio de uma baita tempestade... saibam que sempre após a chuva, o que aparece? Um belíssimo arco-íris. E que o dia seguinte chega, trazendo a luz do sol radiante. Então... o que prometo a vocês é que os irmãos

PERIGOSAS NACIONAIS

Walker voltarão para aquecer o coração de vocês de uma forma que nunca sonharam.

Como sou muito legal, vou deixar aí o prólogo e primeiro capítulo de Thunder Storm.

Love Ya'll

PERIGOSAS ACHERON

Sneak Peak
em
Thunder
Storm

PRÓLOGO



— Thunder Storm!!! — Ouvi o grito. Juro que ouvi. Quase como se estivesse colado ao meu ouvido, mesmo que eu ainda vagasse no reino dos sonhos, ao lado de Jessica Barnes, a garota que estava atrapalhando meus planos de estudo. — Venha aqui, agora!

Sério. Um grito histérico da sua mãe, às cinco da manhã, não é nem um pouco agradável. Ainda mais porque sei exatamente qual a razão desse escândalo todo.

Não. Eu não deixei nenhuma prova ilícita de algum ato maléfico na sala. Recolhi todos os pacotes de salgadinhos que ela tanto odeia. Porra... minha mãe e o estilo ultrahippie de ser, junto com meu pai, que nos impõe a eterna dieta quase vegana (eca!), odeia com todas as forças do universo qualquer comida enlatada, condensada, fermentada, ensacada ou ada, ada, ada. Bom, se terminar em salada, provavelmente ela vai curtir bastante.

Enfiei a cabeça debaixo do travesseiro por mais
PERIGOSAS ACHERON

dois segundos, respirando fundo e sabendo que o grito viria novamente, seguido de uma batida na porta.

— Thunder!

Uau. A pancada veio realmente como o som de um trovão, bem a contento do fenômeno que meu nome evocava. Yeap. Pais hippies, lembra? Minha irmã mais velha era um arco-íris colorido com seu nome fofo, Rainbow. E minha gêmea do mal (brincadeira) se chamava Sunshine. Uma luz solar espocante que cegava meus olhos, de vez em quando. Especialmente quando usava aquelas roupas curtas que mostravam mais do que cobriam. Já falei para o pai que a única coisa hippie que sempre curti eram os saíões psicodélicos até os pés que a mãe usava. Isso sim era roupa decente. Cobria até a alma da pessoa, se deixasse.

— Já vou, mãe. Pelo amor de Deus.

Levantei de um salto, quase olímpico, vamos combinar, porque eu sou atlético assim.

Abri a porta de supetão e quase derrubei minha adorável flor de mãe superfofa no chão.

— Quão o motivo da gritaria matinal? Ah,

espera... ainda nem estamos plenamente numa manhã, certo, mãe? É plena "madrugada" — enfatizei as aspas. Ela odiava isso.

Mamãe cruzou os braços à frente do corpo, e bateu os pés com aquelas sandálias esquisitas que ela tanto amava.

— Você sabe muito bem qual é o motivo. Daqui a pouco o sol nasce e hoje você saúda o sol, Storm — disse e ergueu a sobrancelha.

Bufei. Com parcimônia, porque ainda não tinha escovado os dentes, então eu poderia matar minha pobre progenitora com o bafo. *Matinal*. Olha a palavra maldita novamente.

— Mãe, achei que depois daquele momento lindo onde a senhora e o pai tiveram seu lance mochileiro e nos deixaram ao léu, estávamos meio que libertos dessa escravidão — falei e vi que ela emburrou na hora.

Meus pais não gostavam quando jogávamos na cara deles que um tempo atrás os dois tiveram um surto épico de adolescência ou juventude transviada e simplesmente partiram para uma jornada isolada em uma comunidade hippie na Virgínia. E

PERIGOSAS NACIONAIS

alooooou... deixaram os três filhos para trás. Tudo bem que foi nossa escolha. Se dependesse dos dois, estávamos na mesma *vibe* até agora. Seguindo de cidade a cidade, numa fuga itinerante, atrás de comunidades hipongas onde eles pudessem se comunicar com a natureza e sua beleza.

— Vai começar isso outra vez?

— Não, mama. Mas achei mesmo que o período escravagista tinha se encerrado. O sol vai continuar lá, lindo. Eu não preciso dar um tchau pra ele, certo? Para que ele apareça e nos ilumine e aqueça — zoei.

— Storm, você faz isso desde pequeno.

— Sim, mama. E agora estou com o quê? Dezesete anos nesse corpo gostoso que ostento aqui e vou dizer... com esses músculos todos fica um pouco difícil ficar naquela posição de ioga louca por muito tempo.

Sunshine saiu do quarto naquele instante, coçando o olho borrado de maquiagem. Tapada. Tinha dormido de rímel outra vez.

— Storm não quer saudar o sol, mama? — disse e riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Veio com uma conversa fiada de muitos músculos e pouca capacidade para sustentar a posição, além de pedir abolição para a escravidão que impus — minha mãe disse. Ela era muito fofa quando rebatia minhas próprias zoadas.

Abracei a criatura minúscula, porque sim, ela era pequena comparada com meus 1,88 de altura. Um pequeno Hobbit meigo e com cheiro de mãe. E panquecas. O que acabou alertando meu estômago débil que a fome poderia ser um grande monstro ali naquele corredor, já que roncou bem alto. Foi meio aterrador.

Sunshine riu e a mãe cutucou minhas entranhas. Quando digo entranhas, quero dizer aquela área abaixo das costelas. Putz... eu tinha cócegas medonhas ali. Era meu ponto fraco. Meu calcanhar de Aquiles. Uma espécie de gatilho que, se eu fosse um super-herói, e um vilão descobrisse, eu estaria muito fodido.

— Libere este ser que está morto de fome, mãe. Eu estava dormindo, logo, meu estômago estava adormecido. Agora, o monstro está desperto e está começando a comer minhas entranhas e fagocitar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pâncreas.

— Cara, você sabe o que é fagocitose? — Sunshine perguntou rindo.

Dei-lhe um olhar mortal e azedo.

— Olha aqui, maninha. Não é porque eu sou esse pacote atlético e gostoso que tenho que ser burro, okay? Eu sei muito bem biologia, ciência e essas porras todas. Inclusive, quanto foi mesmo que você tirou na prova de matemática da semana passada? — perguntei e esperei a crise aparecer. Não demorou muito.

Sunshine virou-se furiosa e marchou para longe, não sem antes soltar alguns xingamentos bem originais.

— Ela tirou nota baixa? — mamãe perguntou.

Revirei os olhos. Quem monitorava as notas de cada um era a infame Rainbow, nossa irmã mais velha, quase um pitbull esfomeado que seguia como um stalker maldito o sistema do colégio para saber como estávamos nas notas. Isso porque agora ela era uma universi-otária. Opa. Universitária.

— Okay, Torm. Vá comer as panquecas que fiz e chame seu pai no jardim. Ele vai saudar o sol hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradei aos céus pelo milagre recebido. Eu simplesmente odiava aquela parte das nossas vidas.

Participava? Claro. Fomos criados daquele jeito. Desde pequeno eu recolhia nabos, ao invés de carrinhos no quintal. Enquanto via meus amigos esporádicos, quando tínhamos vizinhos que se dignavam a fazer amizade com os "esquisitões" novos no pedaço, recolhendo brinquedos e brincando na lama, eu estava ajudando o pai a plantar o nosso próprio alimento. Entrar em total contato com a natureza grandiosa e blablabla.

Uma coisa eu tinha que respeitar... meus pais sempre foram daquele jeito. Nunca poderiam ser chamados de pais da "modinha". Eles eram hippies e pronto. Era a filosofia de vida que seguiam e faziam com gosto, paixão. Cara, meu pai era praticamente a personificação de um cara dos anos 70, doidaço, cantando Hotel California. Sabíamos a letra de cor e salteado.

Era estranho jovens adolescentes da nossa geração saberem a letra de uma música que foi escrita pela The Eagles nos anos 60, certo? Mas sabíamos. Cantávamos em cada viagem que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazíamos de uma cidade a outra.

Bom, eu meio que me esgoelava. Quem tinha voz potente para talvez se candidatar a um *The Voice* ou *American Idol* era Rainbow ou Sunny.

Minha meta era jogar futebol americano na escola, conquistar um lugar ao sol numa universidade e quem sabe, chegar à NFL. Bater um *high five* com Tom Brady, ser convidado para tomar um lanche ao lado de Gisele Bundchen. Quem sabe...

Okay, esse sonho poderia estar um pouco melado e já nebuloso, porque quando e se, eu chegasse a esse objetivo, provavelmente o Tom nem sequer estaria mais jogando, mas nada o impede de se tornar um técnico, certo? Aí o *high five* seria algo muito lógico, já que eu seria o quarterback fantástico do time e o técnico faria muita questão de manter nossa amizade em jogo. O que me garantiria os convites para Natais e festividades em sua mansão. O que me daria a certeza de um encontro fortuito com Gisele Bundchen. Talvez. Se o casamento dos dois prosperasse.

Sim, a fome me fazia viajar. Minha mente girava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em polvorosa e a imagem da ubermodel brasileira balançou meus brios, o que me fez esbarrar no pai, que abria a porta dos fundos naquele instante.

— Pai, era o senhor mesmo que eu estava em busca. O sol lhe chama! — disse com euforia.

Ele me olhou ressabiado, com uma sobrancelha medonhamente erguida.

— Não era seu dia hoje?

— Mamãe me libertou das cadeias solares. Minha pele estava começando a apresentar um alto grau de incompatibilidade com os raios ultravioletas.

A progenitora resolveu entrar na cozinha naquele momento.

— A desculpa que você deu não foi a de que seus músculos estavam lhe dificultando a posição de lótus? — ela perguntou.

Ahhh... pego no flagrante delito da mentira sorrateira.

— Sim, mãe. Muitos músculos. Pele muito deliciosa exposta. Soube, inclusive, que a vizinha quase quebrou o nariz, tentando apreciar o espetáculo da natureza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O sol? — a mãe zombou.

— Não, mama. Eu. Thunder Fantástico Storm.

A vida era muito boa. Isso eu tinha que dizer.

Tirando o fato de ainda estar na escola. Que era uma merda. Sério.

Ensino Médio era uma desgraça necessária na vida dos mortais. Mas deveria haver um portal mágico, meio Nárnia, muito doido, que nos transportasse direto para a faculdade. Seria show.

Embora eu nem pudesse reclamar. Estava ocupando o posto de quarterback do time. Era aclamado pelas garotas, invejado pelos caras, o mais bem quisto e solicitado nas festas.

Bem, na definição das pessoas ao redor... eu era a festa.

Por favor, não pensem que sou um ser metido ou egocêntrico. Bem, em 100% do tempo. Apenas em alguns momentos do meu dia, quando eu mesmo tinha que admitir que eu era um cara muito legal para se conviver.

— Storm?

Ouvi Sunshine me chamando da ponta da mesa. Eu estava com o garfo erguido a caminho da minha

PERIGOSAS ACHERON

boca.

— O que é?

— Você estava pensando em você mesmo, não era? — a palhaça perguntou e começou a rir.

Arremessei um pequeno pedaço de massa que tinha caído na mesa, sem que a nossa mãe visse.

Ali naquela família, no meio dos Walker, podíamos ser enquadrados como estranhos, esquisitões, donos de nomes exóticos e muito peculiares, mas éramos felizes à nossa maneira.

Rainbow chegou radiante em sua glória tímida, mas com um sorriso constante no rosto.

Revirei os olhos, porque aquela criatura, depois de Thomas Reynard, havia adquirido o estranho hábito de sempre ostentar a musculatura labial em contração evidente. Era como se estivesse sonhando acordada.

— Pode até ser. Mas por que você não pergunta para a Rain se ela estava pensando no namoradinho fofo dela? — perguntei e olhei para o relógio acima do micro-ondas. — Às cinco e quarenta da manhã?

Rainbow sentou-se ao meu lado, roubou um pedaço da minha panqueca, okay, pode ser que

PERIGOSAS NACIONAIS

tenha sido a quarta panqueca, e deu outro sorriso assustador.

— Bom dia pra você também, Torm. Percebi que fugiu da saudação do sol — falou.

Abaixei o rosto e falei baixinho em seu ouvido:

— Estamos organizando um motim Walker aqui. Nada mais de tarefas hipêscas, se é que existe essa palavra, a não ser que você queira executá-las.

Nós três batemos as mãos em cumprimentos típicos de irmãos.

— O que estão tramando? — mamãe perguntou.

— Nada.

— Absolutamente nada.

— Nadinha.

Cada um respondeu de um jeito diferente. Coisa óbvia e marcante de que estávamos realmente tramando alguma coisa. Minhas irmãs eram muito amadoras.

— Vamos sentar depois e colocar novas regras familiares, melhor assim? — ela falou.

Um olhou para o outro. Eu estava meio que concentrado na calda de chocolate que escorria do meu dedo agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já percebi que meus bebês cresceram e estão criando suas próprias identidades. E não vai adiantar que eu ou seu pai tentemos impor absolutamente nada a vocês — ela disse e sentou-se à mesa. — O que queremos é que continuemos a ser a família que vocês se orgulhem. Nunca se envergonhem.

— Mãe, tirando os nomes hilários das minhas irmãs, eu acho que o meu combina muito ao meu estilo fantástico e meio sobrenatural de ser, então, eu tenho muito orgulho de vocês — falei e segurei sua mão. Ops. A mão melada, agora melou a da mãe. Ela odiava chocolate.

— Eu também, mãe.

— O mesmo digo eu, mama — Sunshine falou e deu um beijo na mãe, por nós três. Ela era a mais carinhosa.

Rainbow se levantou e me deu um tapa na cabeça, porque esse era um hábito irritante que ela tinha, mas nunca admitirei que já aguardava. Tenho até medo de dizer que meus neurônios meio que talvez só acordassem mesmo depois do tabefe que ela lhes dedicava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou para a faculdade, alguém quer carona? — perguntou. Tão boazinha e prestativa.

— Naaan... preciso malhar as coxas poderosas que Deus me deu. E hoje tenho treino — falei rindo e escapei de mais um tapa.

— Eu vou com Mike.

Respirei fundo, segurei a ponte do nariz e fechei os olhos em um mantra mental. Era foda ter que dividir minhas irmãs nada freiras com machos que chegaram do nada, na surdina e simplesmente, booom!, conquistaram as lesadas. Mesmo eu avisando que homens só pensavam merda, ainda assim, elas não me ouviram. Rainbow já namorava Thomas há muito tempo, o cara era praticamente meu cunhado, pelo amor de Deus, mas ainda assim era um saco ter que dar de cara com aquele safado feliz e sorridente e saber que era minha irmã mais velha que colocava aquele sorriso besta no rosto.

Mike, o melhor amigo de Thomas, de tímido e pacato mostrou que não tinha nada. Está namorando minha gêmea e a mantém na linha. Pelo menos isso. Os outros garotos da escola estão meio que chateados porque aquela ali está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente enlaçada e fora da praça.

Eu? Bom... eu sou Storm. Quem, em sua consciência, engarrafa uma tempestade?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO

1



Saí exausto do treino. Era o primeiro mês de aulas na Universidade em Princeton. Novos dias, nova rotina, tudo muito diferente de tudo o que estava completamente acostumado. O Ensino Médio ficara para trás, e mais parecia como se aquilo tivesse acontecido há anos, ao invés de meses.

Embora eu fosse o jogador reserva, na posição de quarterback do time de base de Princeton, e, por favor, lá estava eu, novamente, à sombra do paspalho de Thomas Reynard, mas ei... eu gostava do cara. Só não gostava da parte em que ele pegava a minha irmã, mas isso eu já tinha deixado bem claro, ainda assim, eu estava feliz. Sendo o reserva. Não que eu torcesse pelo Thomas ter uma lesão básica, romper um ligamento aqui, outro acolá. Em hipótese alguma.

PERIGOSAS NACIONAIS

O cara ia casar com a Rainbow, então eu precisava garantir que ele realmente não fugisse ao perceber a peça à qual acabaria amarrado pelo resto da vida. Okay. Eu sou um irmão bom. Juro. Amo minha irmã mais velha e ela não poderia ter feito melhor ao acabar caindo nas artimanhas ridículas daquele conquistador barato.

Deixe-me explicar... Thomas Reynard era O cara. Já na escola ele era o queridinho de todos. Quebrava todo o arquétipo (eu sei o que essa palavra quer dizer) de todo atleta, já que a maioria das pessoas pensavam que por sermos atletas, tínhamos neurônios a menos e éramos meio burros.

Claro que uma boa porcentagem da população esportiva nos dava essa imagem gratificante e vou me embutir no grupo dos espertos porque, sim... eu sou muito foda. Sou inteligente pra caralho. Tudo isso em um pacote fenomenal que arrasa o coração das garotas.

Mas onde eu estava?

Ah, sim. Falando do meu cunhado. Thomas Reynard.

Ele era o punkzinho metido à besta, galã nas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horas vagas e sensação do time de Westwood Garden High School, a escola em que nos formamos.

Thomas era um ano mais velho, da mesma turma de Rainbow e se formou um ano à minha frente, deixando a vaga de quarterback livre para minha dominância e prepotência gloriosa. E eu posso dizer que imperei.

Tanto que a Universidade de Princeton foi em busca deste espetáculo em forma de homem: eu.

Mas lá vou eu voltando ao assunto que não interessa. Eu estava divagando sobre Thomas. Thow. Mas só o Mike pode chamá-lo assim. Se outra pessoa chamar, ele desce a porrada sem dó.

A primeira vez que zoei, achei que tinha perdido o siso. E digo que meu siso nem ao menos nasceu, porra. Então, foi um soco meio sem lógica, mas aconteceu do mesmo jeito. Rainbow teve que correr e acudir o pobre irmão ensanguentado, colocar gelo e, só depois, quando soube o motivo da discórdia, é que quase colocou o gelo dentro das minhas calças, sob o risco de congelar minhas bolas. Foi uma imagem e momento meio aterrador. Nunca mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamei Thomas de Thow. Nunca. Mais.

Então... o mala caiu de quatro pela minha irmã mais velha. Desencubou, se é que existe essa palavra, e, por favor, me perdoem, mas sou um cara criativo e adoro criar novos termos linguísticos, minha irmã querida, fazendo-a brilhar mais do que um cristal tcheco que refletia todas as porras das cores que irradiavam do nome dela.

Os dois ficaram apaixonados, mas uma louca varrida, gata pra caralho, porém louca varrida, prima e ex (eca... Thomas e uma prima? Bem, ele diz que era uma coisa bem distante...) quase imprimiu a estampa da minha mana no capô do Porsche massa do Thomas. Rainbow ficou hospitalizada, foi um momento sinistro e onde posso garantir que chorei uma ou duas vezes, às escondidas, claro, completamente apavorado de que algo mais pudesse acontecer com ela.

A vaca louca foi presa, os dois ficaram felizes para sempre, quase que naquele modelo fofo de filmes e desenhos Disney, fazendo com que coraçõezinhos flutuassem ao redor. Eu juro que tinha medo de que aqueles dois peidassem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corações. Sério mesmo. Era tenso ficar na mesma sala que eles.

Bem, mas Rain foi meio que jogo duro com Thomas. E nessa parte eu posso dizer que chorei. De rir, claro. Imaginem... O cara é extremamente gato (as garotas dizem, não eu), era o terror da cercania e todas as mulheres o queriam em suas vidas. Mas uma tímida pudica e solitária borboleta acabou fazendo com que ele abrisse mão de seus desejos lascivos e booom!, o cara resolveu que entraria para o time dos que esperam calmamente, à base de calmantes e um auxílio manual de vez em quando, até que Rainbow Walker resolvesse que o momento Plim! havia finalmente chegado.

Daí, qual não foi a surpresa do além quando, Thomas Louco Reynard, simplesmente, do nada, resolveu que, opa... queria se casar com minha irmã tapada. Oi?

Como assim? Rebobinemos. O cara nem tem 20 anos, porra! Como assim resolve que vai se casar do nada? Que vai algemar suas possibilidades de conhecer outras garotas e...

E... nesse momento louco que minha mente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devaneia, sabe quando um disco de vinil arranha e faz aquele ruído escroto? Imaginem que fez agora. Opa! É óbvio que se o cara está com a minha irmã, ele não poderia ter desejos carnaais de conhecer novas pastagens! Ele precisava ser muito fiel, sob o risco de conhecer o poder muito ninja da minha espátula culinária. Se quiserem saber dessa história, perguntem ao Thomas. Ele tem isso bem armazenado em seu cérebro. Até hoje vejo seu olhar amedrontado para a espátula na cozinha da mamãe.

Enfim, Thomas tinha mesmo que ser fiel à minha irmã, jurar votos eternos e nunca olhar para nenhuma outra bunda ululante do planeta! Tipo... nunca!

Já era difícil lidar com o fato de que ele tinha que admirar a da minha irmã, cara. Imaginar o cara olhando a da vizinhança era um pouco abusivo.

Daí, fiquei muito feliz que o mané resolveu que, sim, ele queria a toupeira para ser sua doce e adorável esposa virgem para sempre.

Cortem a parte de ser virgem por muito tempo. Merda. Risquem todo esse meu discurso porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora senti uma vontade tremenda de vomitar ao imaginar minha irmã fazendo essas atrocidades da carne.

Eu gosto de crer que fui concebido divinamente. Foi uma santa concepção mesmo. Meus pais não praticam atos ilícitos. Nunca.

E gosto de pensar que minhas irmãs usam cintos de castidade com senhas inquebráveis que nem mesmo o mais fodido hacker contratado pelo FBI conseguiria descobrir como abrir.

Eu sou ciumento assim. Quer dizer, só um pouco.

Quer dizer, comecei a sentir uma comichão esquisita naquele mesmo instante quando vi Sunshine sair toda serelepe do treino de Cheerleaders.

Puta que pariu. Eu falei que ela também estuda aqui?

Já ouviu falar em gêmeos quase siameses? Daqueles que não conseguem ficar longe? Que sentem quando um deu um espirro que estalou a vértebra da coluna e sentiu dor?

Não somos nós, desculpa.

Mas a enxerida tem talento artístico e dança pra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cacete, então acabou entrando com bolsa de estudos na mesma Universidade que quem estuda? Eu? Obviamente que não. Sua escolha foi por conta de Mike Crawford, o receptor do time.

Eu estava arranjado com as irmãs safadas que tinha. Brincadeira. Elas eram fofas. E santas. Quase. Rainbow, sim. Sunny... nem tanto. Ah, meu Deus... agora nem eu mesmo podia colocar a mão no fogo pela adorável Rainbow...

Enfim, lá vinha ela. Toda cheia de dentes, quase um comercial de pasta dental.

Atrás dela vinha uma linha muito succulenta de garotas despudoradas que eu curtia muito analisar. Eu tinha um fetiche por ruivas. Antes da vaca Cybella querer esmagar a Rainbow. Aí estragou meus planos de querer casar com uma "escocesa" e procriar filhos lindos que seriam os mais belos exemplares da genética humana.

Sunshine deu tchau para suas colegas, que não pouparam esforços e olhares um pouco mais demorados no meu uniforme suado.

Ei... o que posso fazer? O chuveiro estava um pouco frio e meio tumultuado. Exalando aquele

PERIGOSAS ACHERON

cheiro meio pernicioso de homens suados, falando merda. Quis sair dali rapidamente e correr para o apartamento que dividia com Thomas e Mike. Nossa, acho que esqueci de comentar esse fato também, certo?

Quando entrei para Princeton, os planos iniciais envolviam liberdade extrema ao ficar nos dormitórios do *campus*. Daí, meus dois "cunhados" deram a ideia genial para que eu dividisse com eles o apartamento que pagavam, não muito longe dali. Meus pais acharam o máximo, minha mãe disse que seria uma grande comunidade feliz, que minhas irmãs poderiam ficar seguras... e eu... O quê? Comunidade feliz e irmãs? No plural? Coabitando um mesmo espaço que machos? Nunca sob meu nariz. Thomas já havia burlado aquela regra preciosa, e olhe lá.

Enfim, vi meus planos de noites de farra irem por água abaixo, não que eles fossem atrapalhar em nada. Mas ficar debaixo dos olhares atentos de dois veteranos era um saco. Se Thomas e Mike eram tão certinhos que não cogitavam a hipótese de se enfiarem em festas selvagens, eu não tinha tanto

PERIGOSAS NACIONAIS

melindre assim. Meu corpo aguentaria tranquilamente, de segunda a segunda. Afinal, aquela era outra vida, certo?

— O que você está fazendo aqui? — ela me perguntou, como se fosse a dona da ala do *campus*.

Olhei ao redor e cocei o queixo, pensando se daria uma resposta malcriada ou não.

— Eu poderia responder uma porrada de coisas, e a maioria delas você não iria gostar, mas vou ser gentil e apenas dizer que estou me encaminhando para aquela moto brilhante ali, veja — disse e apontei para a minha *Indian Chief* totalmente revitalizada e muito bacana.

— Idiota.

Passei o braço pelos seus ombros e a puxei em direção ao estacionamento.

— Quer carona? Tirar onda com as amigas? Dizer que está pegando um gostoso? — perturbei.

Sunny revirou os olhos.

— Elas já sabem que pego um gostoso e já sabem que você é meu irmão, imbecil. Seria um incesto escandaloso se deixássemos as patricinhas pensarem besteira — ela disse rindo e poooooorra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fez cócegas na área proibida!

— Sunny! Que merda! Já disse para não encostar o dedo aqui!

— Storm, pelo amor de Deus, é apenas uma costelinha! Como você vai aguentar um carinho mais fogo desse jeito? — zombou.

Cobri os ouvidos.

— Lalalalala... cala a boca! Não quero ouvir carinho fogo e ter a imagem mental de como você conhece esse termo — despejei. — E só para você saber, criatura, quando eu estou com as garotas, elas se concentram em outras áreas e esquecem a porra da minha costela.

— Você é nojento, Storm.

— Você começou. — Puxei seu rabo de cavalo. — Quer carona?

— Sim. Mike não saiu do treino ainda? — perguntou, enquanto eu colocava seu material nos alforjes da moto.

— A equipe titular tem treino extra. O jogo de amanhã contra a Universidade de Boston vai ser tenso, então, o treinador quer lascar logo com todo mundo. Nós, os reservas, estamos poupados do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

massacre.

Ajeitei-me na moto e liguei o motor ronronante que sempre aquecia minhas entranhas. Meu pai havia renovado aquela belezura pra mim, assim que soube que eu tinha entrado para Princeton. Na verdade, a moto fora meu presente de 18 anos. A reforma fantástica, com direito a pintura extra, foi um bônus pela minha magnanimidade nos estudos e esportes.

Embora eles não aprovassem que fôssemos escravos do capitalismo selvagem da sociedade retrógrada, ainda assim, sentiam orgulho da inteligência dos filhos.

Sunny se acomodou logo atrás de mim e eu já soltei logo, antes que a cretina começasse:

— Se você fizer cócegas em mim enquanto estou pilotando, eu juro, Sunny, vou descer o cacete em você e ainda publico suas fotos mais medonhas no Instagram — ameacei.

Sunshine riu e me deu um beijo na bochecha. Estalado. E molhado. Nojento. Esse tipo de beijo só é bem-vindo quando oriundo de uma mulher gostosa que eu possa pegar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prometo me comportar, Stormy!

— Stormy não, porra! Ou vou falar para o Mike que você fazia questão que chamássemos você de Sunny Bunny quando era pequena.

Sunshine fechou a cara na hora. Aquele era seu segredinho sujo.

Mas precisei jogar pesado com as ameaças. Thunder Storm já era um nome bem... intenso. As pessoas me chamavam apenas de Storm, okay. Muitas pensavam que era apelido. Eu deixava.

Minhas irmãs ou mãe me chamavam, às vezes, de Torm, o que eu achava até fofo. Embora sem significado algum.

Agora, Stormy? Era reduzir demais o meu nome à insignificância de um diminutivo peculiar e esquisito.

Então, vamos apenas nos concentrar na força da natureza que eu carregava em mim mesmo.

Thunder Storm, cujo nome evocava o barulho ensurdecedor que minha moto poderosa fazia agora, no asfalto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*...AGORA É COLOCAR O CORAÇÃO DE STAND
BY PARA AGUENTAR A ESPERA PELO
REstante...*

PERIGOSAS ACHERON

M.S.Fayes

Ela se desdobra em várias facetas para atender à personalidade hiperativa que abriga dentro de si. Entre o marido e os filhos espoletas, que ela jura não entender para quem puxaram, seu trabalho como fisioterapeuta e outras atividades nada ilícitas, ela ainda encontra tempo para ler e criar suas próprias histórias, com seus lindos finais felizes.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON